

O ESTUDO DA ONOMASIOLOGIA E DA SEMASIOLOGIA APLICADO ÀS MICROESTRUTURAS ONOMASIOLÓGICAS DE *PESCADOR* NA COMUNIDADE DE BAIACU-VERA CRUZ-BAHIA

*Cristiane Fernandes Moreira**

Resumo: Este artigo compreende um estudo de análise descritiva predominantemente semântico-lexical dos termos da língua de especialidade da atividade pesqueira na comunidade de Baiacu. Tem por base o referencial teórico-metodológico da Onomasiologia e da Semasiologia, pautado na proposta da Semântica Estrutural Europeia apresentada por K. Baldinger (1970), bem como no campo de debates da Lexicologia. A principal problemática refere-se à investigação em torno da estruturação dos campos conceituais e dos campos semasiológicos do vocabulário do grupo em apreço. A análise se realiza com base na pesquisa desenvolvida a partir da aplicação de inquéritos linguísticos com pessoas que trabalham na pesca e completada com dados de dicionários gerais e etimológicos.

Palavras-chave: Semântica; Onomasiologia; Semasiologia; Terminologia.

Abstract: The article represents a study as a descriptive analysis predominantly lexical-semantic, and should be interpreted as lexical units according to the ideas that represent. It is a subject that is presented based on theoretical and methodological reference of Onomasiology and Semasiology, based on the proposal from the European Structural Semantics by Baldinger (1970), and in the discussions of Lexicology. It is intended to conduct an onomasiology study. The main problem concerns in the investigation around in the question of how the conceptual and semasiology fields of fishing activity in Baiacu are structured. The analysis is based on research developed from the application of linguistic surveys with persons engaged in fishing and supplemented with data from general and etymological dictionaries.

Keywords: Semantics; Onomasiology; Semasiology; Lexicon.

1 Apresentação

Agradeço inicialmente a Revista Letrando e à professora Ivanete Freitas Cerqueira pela oportunidade de publicar parte da minha dissertação de mestrado em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia. A ideia da publicação tomou forma mesmo em discussão com colegas do curso de Doutorado sobre a qualidade da Revista. Foi então que desenvolvi uma reflexão teórica

* Doutora e Mestra em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Especialista em Estudos Linguísticos e Literários pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e em Língua Portuguesa e Literatura pela Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO), Graduada em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

E-mail: svencris@hotmail.com

Curriculo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9203404082524634>





sobre a temática que aparece em estudo completo na minha dissertação acerca de “As denominações para os pescadores e os apetrechos de pesca na comunidade de Baiacu-Vera Cruz - Bahia”. Procuo, com isso, fazer repercutir que teoria e empiria mantêm relações intermináveis, são bidirecionais. E também ratificar sobre a questão de que a língua constitui marca identitária da comunidade que a usa. Sendo assim, convido aos colegas familiarizados com os muitos projetos em andamento e ou em conclusão a que se dediquem a exercício semelhante. Para orientar este artigo, divido-o em algumas partes: breve resumo sobre o método; contextualização da comunidade que serve de base para a pesquisa; explanação dos recursos teóricos utilizados para fundamentar as ideias propostas, e a análise dos dados. Vale lembrar que as críticas serão muito bem aceitas.

2 O Método

A pesquisa constitui-se a partir da análise de um *corpus* sincrônico mais amplo, com base nas aplicações de inquéritos linguísticos com pessoas que trabalham na pesca da comunidade do Baiacu/Vera Cruz/Bahia, sendo trinta 34 (trinta e quatro) homens e uma 01 (uma) mulher, todos eles com idade compreendida entre 21 e 86 anos. A maioria estudou até a primeira série do primeiro grau, conhecido atualmente como segundo ciclo do Ensino Fundamental. Fez-se necessário da elaboração de perguntas que permitissem interpretar determinadas unidades lexicais dadas pelos informantes. O *corpus* investigado reúne também dados de dicionários gerais e etimológicos e da língua oral, resultante da consulta às respostas aos questionários e entrevistas de coleta de dados em que se elaborou e aplicou o Questionário Semântico-lexical (QSL), com 112 perguntas, subdivididas em: gerais, específicas e complementares, com base nos estudos do AliB (Atlas linguístico do Brasil); do APFB (Atlas Prévio dos Falares Baianos), e nos estudos de Serafim da Silva Neto.

O critério considerado foi a respostas de questões contemplando as relações de significação entre os campos, redes de significação. Tal relação é definida por sinônimo prototípico, posto que a definição consista em palavras separadas ou em série de sinônimos usualmente contendo um núcleo e suas especificações. O que define o campo de cada palavra é o mais prototípico porque torna explícito a informação semântica e implícita a definição dos elementos [Sterkenburg, 2006, denomina de ‘semagram’ porque define o campo de cada lexia e é instrumento da função onomasiológica]. O método é investigativo e empírico, pois se apresentam descrições de práticas linguísticas efetivas por meio de colocações de exemplos.

As unidades relacionadas ao campo dos *Pescadores* são definidas conforme a função que cada membro desempenha na cultura da pesca daquela comunidade. As definições foram elaboradas a partir das abonações dos pescadores e dos dicionários gerais e etimológicos. No que tange à transcrição dos inquéritos, alguns critérios foram obedecidos, a exemplo de: a transcrição é grafemática; todas as formas foram transcritas da mesma maneira que realizadas pelo falante, compreendendo os itens que são objetos da questão e o contexto em que estão inseridos; os nomes dos informantes são indicados apenas pelas iniciais maiúsculas; entre outros. A microestrutura onde se representa as informações referentes aos verbetes, assim se encontra: ordenação da lexia não alfabeticamente, mas de acordo com as ideias que eles expressam. Considera-se como microestrutura, a organização das unidades lexicais determinadas semanticamente pelas relações que elas mantêm entre si e pela relação com o conceito. O agrupamento é por ninho devido se servir de paralelismo semântico. As denominações não constam



em uma lista ordenada, mas de acordo com a classificação ideológica. Privilegia-se a significação documentada no contexto proferido pelos informantes.

3 A Comunidade

A comunidade que serve de base para essa pesquisa é a comunidade de pescadores artesanais de Baiacu - Vera Cruz - Bahia. A Vila de pescadores de Baiacu é uma comunidade pertencente ao município de Vera Cruz, situado na Ilha de Itaparica. Distante de Salvador 43 (quarenta e três) quilômetros, está localizada na contra costa da Ilha, possui variação vegetal pertencente à província atlântica: manguezal, restinga e mata secundária. A localidade de Baiacu é remanescente da primeira ocupação da Ilha, em 1560, sendo a mais antiga e importante colônia de pescadores que tem a Ilha. No início, século XVI (1560), Baiacu era a mais importante e tradicional das 27 (vinte e sete) comunidades existentes na Ilha de Itaparica, devido a ter sido o único vilarejo onde o jesuíta Luís da Grã e seus companheiros de catequese aportaram e edificaram a segunda igreja católica matriz, no Brasil, sob a invocação do Nosso Senhor da Vera Cruz.

Baiacu tem como origem o termo *Mayacu*. Com base nos dicionários de Afonso de Freitas (1976) e Lemos Barbosa (1951), o termo [maya'ku] é um termo tupi, caiu em desuso na época pós-clássica, devido a motivos fonéticos. A diferenciação pode se dever a causas histórico-linguísticas. O termo *Baiacu* deve ter surgido por influência do substrato no campo da fonética. Na conjuntura atual, o que se tem percebido na comunidade é que o topônimo *Baiacu* está em processo de mudança em curso ou variação entre os termos [Ba'jaku] e [Baja'ku].

O pequeno povoado de Baiacu é composto por marisqueiras e pescadores artesanais que buscam na pesca de peixes e mariscos sua subsistência e única fonte de renda. Dados e informações contidos na história da Ilha remetem, especificamente, à pesca, por exemplo, à questão da introdução a caçadas de baleias em 1603, na Ponta das Baleias, onde hoje é a cidade de Itaparica. Lá foi construída a primeira armação de caça a esses mamíferos. Esse fato sobre a pesca das baleias é o centro da história da pesca em Baiacu.

4 Os Contributos da Onomasiologia e da Semasiologia, da Lexicologia e da Terminologia em uma Pesquisa com Dados Empíricos

As microestruturas onomasiológicas (campos de denominações) e semasiológicas (campos de significações) apresentam a ciência do significado enquanto relação entre as unidades lexicais (plano da expressão) e o conteúdo (plano conceitual). Conforme assegura Baldinger (1970), autor que serviu de base para este estudo, a Onomasiologia e a Semasiologia são perspectivas tanto histórico-evolutivas, como pedagógicas. O autor aponta a Semasiologia- a que hoje chamaria a Semântica- como uma introdução histórico-evolutiva para a compreensão do estudo da língua. E informa que a sua posição é apenas um exemplo de estudo sobre a Semântica dentre vários outros possíveis. Desse modo, depara-se com uma preocupação estrutural em torno do plano das *denominações* linguísticas, e ressalta o fato de que a investigação da Semântica, que estuda todo o lado do conteúdo da linguagem, ter feito progressos revolucionários nos últimos dez ou quinze anos. Diante disso, ele assume ideias de Heger, Coseriu,





Pottier, e do próprio Saussure e outras próprias a respeito da investigação do significado, tarefa da nova linguística que apresenta o estado atual e perspectivas da Semântica estrutural. Na teoria de Baldinger, postula-se que os conceitos são independentes de qualquer língua e se organizam em sistemas linguísticos, o que contribui para demonstrar que um único conceito pode ser expresso por *denominações* linguísticas. Essa teoria semântica tem como base o sistema racional de conceitos e de denominações, e estuda um sistema de significações ou sememas, segundo este conjunto de significações esteja ligado a um conceito ou a um significado. A Onomasiologia e a Semasiologia favorecem tanto a lexicologia histórica como a visão estrutural dos fenômenos linguísticos, e atingem a reconstituição histórica, assim como o registro e a riqueza dos falares. Ambas estabelecem estruturas, sendo que a Onomasiologia corresponde à sinonímia, enquanto a Semasiologia se baseia na polissemia.

Os estudos onomasiológicos tiveram, segundo Babini (2006), grande desenvolvimento no domínio das línguas românicas. O ponto de partida para a descrição dos conceitos foi o latim, uma vez que permitia, para alguns grupos de ideias, resgatar mais de dois mil anos de história lexical. Prossegue o autor afirmando que dentre os trabalhos que tiveram como ponto de partida a língua latina destaca-se a obra monumental de Wartburg, *Französisches Etymologisches Wörterbuch-FEW*, de 1928, que apresenta uma minuciosa descrição histórica do vocabulário galo-românico. Mas é em 1952 que Wartburg, juntamente com Hallig, redige a obra que é considerada um marco nos estudos da Onomasiologia: o *Begriffssystem als Grundlage für die Lexikographie* (Sistema Racional de Conceitos). Ao citar Baldinger, por exemplo, Babini (2006) explica que o *Dictionnaire onomasiologique de l'ancien occitan*, de Kurt Baldinger contribuiu de modo significativo para os estudos onomasiológicos e para continuar a tradição dos estudos de Onomasiologia nas línguas românicas.

Assim, traduz Baldinger (1970) a representação conceitual com o significante:

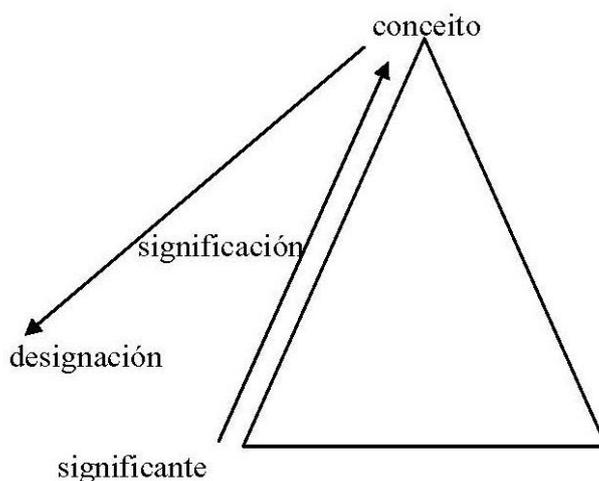


Figura 1: Modelo de Baldinger

Baldinger (1970) chama a atenção para a relação de representatividade entre conceito e significante. A significação parte de um significante para chegar a um conceito, a um objeto mental. Nesse sentido, cabe a Semasiologia desempenhar determinada tarefa. A denominação conduz-se de um conceito para chegar a um significante, sendo, portanto, considerada como estrutura onomasiológica.

Em estudos, Silva (2005) apresenta as duas estruturas em referência a um mapa conceitual da semântica histórica que pode ser representado como se segue:



	QUALIDADE: entidades e relações	QUANTIDADE: diferenças de saliência
SEMASIOLOGIA	Novos sentidos e mecanismos de mudança (metáfora, metonímia, etc.)	Características prototípicas da mudança
ONOMASIOLOGIA	Novas palavras/nomeações e mecanismos de mudança (formação de palavras, neologismo, empréstimo, etc)	Mecanismos preferenciais (metáforas dominantes, etc.)

Figura 2: Mapa conceptual da semântica histórica (SILVA, 2005, p. 310).

Silva (1999; 2005) revela que as estruturas onomasiológicas e semasiológicas podem ser analisadas a partir da perspectiva da mudança semântica, tendo como base os elementos metafóricos e metonímicos, assim como os estudos cognitivos e conceptuais.

Esse modelo proposto conduz a uma espécie de orientação atual da linguística em direção às teorias e procedimentos de análise da Lexicologia e da Terminologia. Seus objetivos são, portanto, semânticos e lexicológicos.

A Lexicologia que, no sentido lato, tem por objeto de estudo as ‘palavras’, as unidades lexicais, é descrita na obra de Tamba-Mecz (2006) a partir de três correntes teóricas que representam direções opostas para o estudo da compreensão do sentido das palavras. A primeira é a Lingüística Comparada que se caracteriza em um período evolucionista, 1883-1931, da história das palavras. Dentre os representantes mais expoentes, citam-se, nesse caso, Bréal e Trier, este último especialmente destacado pelo seu estudo dos campos léxicos, e influenciado pelas ideias da língua, como sistema, e da articulação, como característica essencial de toda língua, teoriza acerca da organização de palavras em campos, e concebe em seus estudos o vocabulário de um estado lingüístico sincrônico como uma totalidade semanticamente estruturada em campos léxicos. Tais campos estabelecem uma relação de coordenação ou hierarquia, e representam um todo articulado, uma estrutura em que a modificação de uma expressão implica em mudança nos elementos próximos, assim como das palavras que expressam tais conceitos. A segunda corrente é considerada como período misto-1931-1963: história das palavras e estruturação do léxico, em que coexistirão dois pontos de vista: o evolucionista e o sincrônico tendo como representante maior Saussure. A terceira corrente teórica refere-se ao período das teorias linguísticas de tratamento computacional, e tem como marco referencial os anos 1960 a 1990 e é definido pela autora como período em que se preocupa em explicar o impacto das situações de comunicação sobre a interpretação dos enunciados. Os principais representantes são Chomsky, com a Gramática gerativa, e Lakoff e J. MacCawley, com a Semântica gerativa. Ao abordar tais correntes, Tamba-Mecz (2006) demonstra os limites e as modalidades possíveis de uma análise do sentido e das unidades da língua, ao mesmo tempo em que relaciona o significante à complexidade das estruturas semânticas.

Sobre a Terminologia¹, sabe-se que as línguas de especialidade seguem os princípios estabelecidos por essa ciência. A Terminologia, outrora, preocupava-se com a visão estática e normalizadora dos termos, com o objetivo de sistematizar os discursos especializados nas áreas do saber

¹ Para Oliveira, Isabelle (2009), Eugênio Wüster é o fundador da Terminologia, e de acordo com a concepção wüsterienna, o termo não pode ser considerado como uma unidade que abarca à teoria lexicológica, a Terminologia se apóia sob a prescrição em detrimento da descrição. O objetivo da Terminologia é estabelecer os sistemas de noções para a base da normalização (cf. OLIVEIRA, Isabelle, 2009, p. 28).



ou de atividade. Atualmente, entende-se o funcionamento das terminologias em um contexto mais amplo, levando-se em consideração os avanços da Ciência linguística e da Socioterminologia, em detrimento dos propósitos normalizadores. Situa-se a Terminologia no espaço da interação social, com o objetivo de descrever e analisar as variantes terminológicas. Autores, a exemplo de Alves (1996), Krieger (2000), Oliveira e Isquerdo (2001), Faultstich (1984), Aragão (2007), definem a Terminologia, no sentido mais estrito, como a sistematização de termos e conceitos. De acordo com Alves (1996), a Terminologia é um conjunto organizado de unidades léxicas de uma língua que são utilizadas numa mesma sincronia. Para os especialistas, a Terminologia é o reflexo formal da organização conceptual de uma especialidade, é um meio inevitável de expressão e de comunicação profissional, e adquiriu uma identidade própria e independente em relação à Lexicologia e à Lexicografia. A origem das reflexões sobre o nome e a denominação, base da Terminologia, encontra-se toda a reflexão sobre a linguagem e o sentido. É no nível da ordenação do pensamento e da conceitualização que se representa a dimensão cognitiva da Terminologia, isto é, a base da comunicação entre profissionais. E por ter transportado a esse campo, há certo consenso com os percursos onomasiológicos e semasiológicos que são próprios da comunicação em língua de especialidade, como em língua geral.

5 A Análise dos Dados

O termo 'denominação'² é proveniente de uma relação referencial constante e codificada entre uma coisa (objeto extralinguístico) e um signo, fazendo com que esse signo passe a constituir uma característica inalienável do objeto, o seu nome. Nesse sentido, as *microestruturas onomasiológicas* partem dos conceitos para relacionar as unidades lexicais, e são consideradas realizações linguísticas em função dos conceitos por elas representados. Essa definição se encontra nos estudos postulados por Baldinger (1970), em que apresenta a Onomasiologia como estudo das denominações, dos vários nomes atribuídos a um objeto, animal, planta, individualmente ou em grupo, dentro de um ou vários domínios linguísticos. Para a análise, dos 16 (dezesesseis) campos³ encontrados na pesquisa foram analisados apenas dois, com um total de 11 (onze) microestruturas⁴, sendo que 9 (nove) microestruturas onomasiológicas correspondem aos **APETRECHOS**, e constam de um total equivalente a 93 (noventa e três) unidades lexicais, e 2 (duas) microestruturas pertencem à categoria de **PESCADOR**. Essa última se constitui de um total de 35 (trinta e cinco) lexis. Nas microestruturas em que se encontram os verbetes/e ou termos, os contextos revelam os fatores sociais, psicológicos e referenciais. Dessa forma, 11 (onze) categorias centrais e 128 (cento e vinte e oito) itens lexicais são submetidos à análise. Entretanto, para este artigo

² Para Siblot (2007), a problemática da nomenclatura torna-se ambígua na terminologia linguística, pois apresenta várias formas de nomeação em que a *designação* e a *denominação* são consideradas no mesmo paradigma de sinônimos. Para o autor, a *designação* é um termo mais genérico, e comum a unidades diferentes, é a forma final, a materialização do discurso em posição de hiperônimos. São expressões linguísticas lexicalizadas ou não. Por sua vez, a *denominação* é definida como formas estabilizadas na língua. Caso se adotasse a concepção aristotélica para a denominação, dizem-se os que, tendo a terminação diferente, têm, contudo, as atribuições que esse nome designa, idênticas.

³ Chamo de campo grupo de palavras frequentemente reunidas sob um termo genérico.

⁴ Apresento para a microestrutura o conceito de organização das unidades lexicais determinadas semanticamente pelas relações que elas mantêm entre si e pela relação com o conceito.



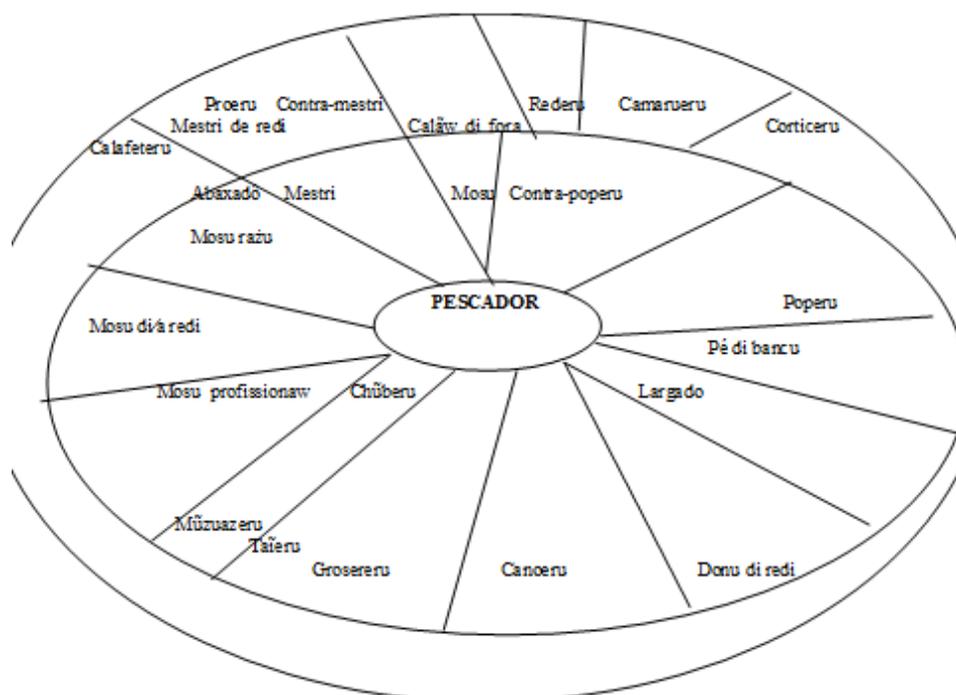
apenas algumas unidades lexicais referentes ao domínio de **Pescador** serão representadas, devido respeitar-se o número de páginas para a publicação.

5.1 Microestrutura onomasiológica de PESCADOR

Em Baiacu, as *denominações* que se atribuem ao homem trabalhador da pesca referem-se a um conceito estendido, motivado tanto por série, como por uma categoria semanticamente estruturada, a exemplo de *moço abaixador*, *moço pé de banco*, *moço popeiro*, *moço* ou, simplesmente, *pescador*. De fato, encontra-se, aqui, o esclarecimento das relações e do valor semântico atribuídos a certas unidades lexicais, que se especializam nas denominações para **PESCADOR**, à luz do que foi pesquisado em dicionários etimológicos e gerais, nas abonações dos próprios pescadores e nos estudos léxico-semânticos. Observe o campo:



Figura 1: Pescadores artesanais da comunidade de Baiacu-Vera Cruz-Ba (MOREIRA, 2010).





A microestrutura onomasiológica de **PESCADOR** corresponde às questões 13- Para pescar de que se necessita?; 46- Quem é que sai para pescar?; 47- O (a) senhor (a) é ____; 51- A pescaria é um trabalho para quem?; 52- Como o pescador planeja a pescaria?; 53- Quem trabalha na pesca?; 54- Aquela pessoa que pesca como é que se chama?; 55- De que é formada a pescaria?; 57- Como se chama o pescador que sabe manusear os instrumentos de trabalho?; 60-... o homem que é contratado para trabalhar na pesca?; 62-... a pessoa que cuida de toda a pesca?; 64- Como é designada a pessoa que sai para pescar? Trata-se de lexias simples, compostas e complexas. Foram encontradas vinte e cinco denominações incluídas nesse campo: *calafateiro, camaroeiro, canoeiro, corticeiro, dono de rede, grosereiro, manzuazeiro, redeiro, mestre de rede ou proeiro ou contra-mestre, moço e tainheiro*, entre outras. *Mestre de rede* ou *proeiro* é o que melhor representa essa microestrutura de **Pescador**, é o elemento mais saliente seguido de *moço*.

Aquele que tem como labor diário a pescaria alguns chamam *pescador*, outros *aquele que vai à pesca*, e outros ainda o chamam de *homem do mar*. É a vivência linguística ou, especificamente, cadeias paralelas como a do conceito e da imagem acústica, que revelam que uma mesma função pode ser expressa por formas diferentes e uma única forma pode representar diferentes funções. De acordo com Cunha (1999), o termo *pescador* encontra-se documentado a partir do século XIII, e tem sua origem no latim *pīscātor-ōris*. Entretanto, para o mestre pescador J.S.P., 86 anos “*pescadô é lê o ma, é um misteru*”.

PESCADOR s.m.

Transc. Graf. **Pescadô** “A profissãw é **pescadô** e tamém tem as pessoa que marisca, as muleres, por exemplo, são marisqueras. Mas que trabała na pescaria é mosu, mosu ahenti chama de mosu a profissãw de **pescadô**. Mas, a caderneta vem é de **pescadô**. Mas, aqui em Baia’ku é mosu de redi, tem o mestre e tem os mosu é a manera de empregá o termo pra falá proeru, mas a finalidade é **pescadô**, o nome apropiado é **pescadô**, que ele pesque a rede, que ele vá de mosu, ele diz é **pescadô** porque den’ da pescaria cada um tem sua funsão, né [...]” (O.C., 72 anos)

‘Trabalhador da pesca’.

PESCADOR é o conceito central e ao redor dele encontram-se as demais denominações, todas dependentes do serviço que o trabalhador da pesca desempenha e o lugar que ele ocupa no conjunto do labor pesqueiro, o que demonstra que o *Pescador* pode fazer mais do que lançar a rede ao mar. *Pescador* é uma das lexias de maior ocorrência entre os trabalhadores do mar, seguida de *moço* e *mestre*, mesmo porque a comunidade de Baiacu é tipicamente constituída de pescadores e conhecida como “a única comunidade da Ilha de Itaparica composta de pescadores artesanais”. Mas a idéia que advém do termo *Pescador* perpassa o campo das relações profissionais, abarca um campo maior, o simbólico, porque metaforiza um conceito amplamente estendido da categoria. Essa metaforização expressa não a transposição do nome de uma coisa para outra, como propagavam os clássicos, mas revela ação e pensamento entre dois domínios para representar uma só imagem, uma associação de ideias representadas na memória singular do indivíduo, essencialmente uma maneira de pensar revestida de uma prática social, mediante expressão de um novo conceito, conforme proposta dos cognitivistas e de adeptos das metáforas conceptual e terminológica. Somente quem vivencia sabe entender o valor do signo presente ali.



**MOÇO** s.m.

Transcr. Graf. **mosu** “[...] *que trabala na pescaria é, é mosu, mosu ahenti chama di mosu a profissão de pescadô [...].*” (O.S., 72 anos); *A equipe é essa merma se foi di cinc’, seis mosu aquilo ali é uma equipe di mosu daquela redi, digo, pesca direto naquela redi, o mosu tem essa obrigasãw.*” (C.P. N, 66 anos)
‘Moço responsável pela atividade da pesca’.

A lexia simples *moço* encontra-se no campo nuclear do conceito **PESCADOR**. Quanto às definições citadas nos dicionários gerais e etimológicos, não correspondem à significação com que a lexia é empregada na comunidade de Baiacu. As denominações mais frequentes para esse conceito no *corpus* em apreço apresentam-se, também, como lexias compostas e complexas. Nesse sentido, os traços que unem o conceito **MOÇO** às outras denominações são os traços ‘masculino’ e as ‘funções laborais da pesca’.

Assim, por exemplo, para a denominação *moço*, a idéia que se apresenta, geralmente, evoca apenas a categoria. Diz-se: “conheci o *moço* que trabalha na rede de Moreno”, já se sabe quem é, e o que se expressa na realidade é ‘pescador’. Entretanto, para o interlocutor apenas a categoria é evocada. Nesse sentido, *moço* é um signo linguístico para quem partilha daquela mesma experiência, mas não, para outra pessoa em cuja comunidade não se associe a essa lexia uma determinada representação que corresponda, precisamente, ao significado ‘pescador’. Observa-se, do mesmo modo, que a relação entre o significante e a realidade nem sempre é uma relação direta, se assim fosse, não seria possível designar a mesma coisa em línguas diferentes com imagens acústicas distintas. Caso contrário haveria apenas uma língua (BALDINGER, 1970). Convém observar, nesse sentido, que só o que fala e conhece nada mais que seu próprio idioma tende a identificar palavra e coisa. Para o autor, não se pode limitar o conceito à realidade. O conceito é apreensível somente com a ajuda de um significante e os sistemas designativos servem para realizar os conceitos.

Moço, frequentemente, corresponde à pergunta a respeito de quem é a pessoa que sai para pescar. Seguido do termo *Mestre*, é uma das unidades de maior ocorrência utilizada pelos pescadores na comunidade de Baiacu. *Moço* ocupa uma posição que durante muito tempo pertenceu ao *mestre*, o que é uma consideração de ordem diacrônica. Comprova-se, desse modo, que o sentido de *moço* pode estar ligado à significação dada para cada posição de uma série daquelas denominações. A depender da função que cada lexia desempenha, há uma relação hierárquica e motivada por série associativa. Neste campo, nem sempre a cada diferente tipo de unidade linguística corresponde um nível de unidade estrutural. No que tange à classificação dessa microestrutura, a categoria básica é o substantivo que, às vezes, acompanhado de adjetivo, forma um sintagma nominal. Há uma série de termos derivados.

MOÇO RASO sintagma nominal

Transc. Graf. **Mosu razu** “[...] *Tem mosu que ahenti leva ainda não sabe pescá, mas ahenti leva pra desafoná, não sabi fazé a cort (?= cortiça) a, esses é mosu razu, como diz. [...]*” (O.S., 72 anos); “*O mosu razu é o que mais gãa. O mosu razu é na bruta, faz qualqué trabaio.*” (Z.N. , 40 anos)
‘Moço considerado aprendiz, e também aquele disponível a qualquer serviço na pesca’.





A denominação *moço raso* é uma lexia não dicionarizada, apresentando relação metafórica. Trata-se de uma metáfora conceptual⁵.

MOÇO DE/A REDE sintagma nominal

Transc. Graf. **Mosu di'a redi** “[...]Mas que trabala na pescaria é mosu, mosu ahenti chama de mosu, a profissão de pescadô, omi que trabala na pescaria [...]. Aqui em Baiacu é **mosu di redi**, tem o mestri e tem os mosu, é a manera de empregá o, o termu [...]” (O.S., 72 anos); “São os **mosu da redi** que trabala na pesca [...]” (M.D., 68 anos)
'Moço que trabalha na pesca'.

Lexia complexa não dicionarizada. A lexia simples *moço* passa à complexa *moço de rede*. No dizer de Piel (1989, p. 132), passa a ser bitemática, mas o seu significado é preservado se comparado ao monotemático.

PÉ DE BANCO sintagma nominal

Transc. Graf. **Pé di bancu** [...] o **pé di bancu** é que rema a canoa. E quando ele acaba di remá a canoa, ele vai puxá aquele chũbu, o largadô puxa uma parti e ele puxa otra até chegá em cima. [...]As veiz pega **pé di bancu** pra ajudá o abaxadô[...] . (C.P. N. , 66 anos)
'Moço que desempenha a função tanto de remar a embarcação, quanto a de realizar outros serviços do ramo da pesca'.

Lexia não dicionarizada. Outra denominação metonímica. Há quatro significações para esse termo, em Baiacu, o que revela relação de polissemia. A primeira se refere a uma das partes da canoa, lugar específico reservado para colocar a *vela de pena*; a segunda, como recipiente para colocar o pescado. Outra diz respeito ao assento do *moço pé de banco*. E uma quarta, relaciona-se à denominação para o 'pescador cuja função, nessa microestrutura, é a de remar'.

POPEIRO s.m.

Transc. Graf. **Poperu** “[...] cada qual tem seu trabalo [...] o **poperu** é quem equilibra a canoa é quem vai pra onde ahenti qué, vamo pra tal lugá, quem governa a canoa ele, sabe?” (L.A.S, 34 anos); “Agora esses rapaz que pesca se chama mosu di redi, cada qual tem sua posição dentro da canoa. Por exemplo... e tem o **poperu** [...] rema pra governá certão pra num, num saí do ritmo, né, do nível, porque se saí, perdi o lãsu.” (J.A.G, 59 anos)
'Moço que desempenha a função de remar a embarcação'.

Popeiro serve também como extensão semântica para o conceito **MOÇO**. Trata-se de um derivado de *popa*, uma das subdivisões da embarcação *canoa*.

⁵ A metáfora passa a ser considerada como uma comparação, em que há uma identificação de semelhanças e transferência dessas semelhanças de um conceito para o outro. Para Lakoff e Johnson (2002; LAKOFF, 2003), sobretudo, o sistema conceptual dessa teoria é metaforicamente estruturado, isto é, os conceitos, na sua maioria, são parcialmente compreendidos em termos de outros conceitos.





Observa-se que o pescador atribui ao ser humano características pertencentes ao seu objeto. Apesar de o termo *popeiro* expressar o conceito de ‘governar’, o pescador expressa uma relação, por analogia, com uma das partes da embarcação. Lexia não dicionarizada.

CONTRA-POPEIRO s.m.

Transc. Graf. **Contra-poperu** “*Qué dizé, aqui é o seguinte, desde quando a pessoa vai trabalá, as veiz não sabe trabalá. Aí chega o mestri e diz assim: vambora, vambora pescá? Aí leva aquele mosu, aquela pessoa. Aí pega e bota no **contra-poperu** pra largá a cortisa. Então, por ali é que a pessoa, o mosu comesa [...]. Mas ondi comesa é no **contra-poperu**. Qué dizé, no **contra-poperu** comesa, e mũytas veiz no **contra-poperu** termina, porque quando vai chegano de uma certa idade se vortá a pescá, vorta de novo pru **contra-poperu**, porque as fosa vai, vai perdeno. Intão, ele vorta pra’quela pozisão.” (C.P.N., 66 anos)*

‘Moço responsável por largar a cortiça e auxiliar o moço *popeiro*. Refere-se, também, ao ‘primeiro posto daquele que inicia a carreira na pesca’.

A lexia composta *contra-popeiro* não se encontra dicionarizada. *Contra-popeiro* revela a relação de hierarquia existente na categoria de moço, quanto às fases por que passa o profissional da pesca.

ABAIXADOR s.m.

Transc. Graf. **Abaxadô** “*A pessoa que só levanta a redi é o **abaxadô**.” (M.D., 68 anos).*

‘Moço pescador que fica sob a água e dentro da rede, supervisionando a captura do pescado cuja função mais saliente é abaixar e cercar a rede’.

Apenas dois dos dicionários pesquisados registram a lexia composta *abaixador*: os de Ferreira (1999) e de Cunha (1999) que apresentam para a lexia *abaixador* a datação do século XIV, como proveniente de *baixo* < lat. **bassus**.

Possui duas categorias básicas a de adjetivo e a de substantivo. Passa a ter o mesmo valor do termo central *moço*, quando se constrói do mesmo modo que a referência ‘ser pescador’. O sentido de base é de origem latina **bassus**.

CALÃO DE FORA sintagma nominal

Transc. Graf. **Calãw di fora** “[...] e daí ahenti comecemu na maré, e aprendemu que **calãw di fora** é os mosu que fica co’ a água nos peitu. É dois, um na frente, puxa; otro, segura o calãw. Calãw di terra, o mosu que a água fica no jueļu ou abaxo do jueļu.” (C.P. N. , 66 anos); “Os que vão por terra é calãw di terra, é redi di camarãw; os que vão por lá, vão mais pelo fundo, chama **calãw di fora** porque tá lá na parte di fora, e o que tá mais cá em terra é calãw di terra . Os de lá vai, vai com água na cintura, nas caxa dos peitus, e os daqui vai pelo razu, é calãw di terra. O calãw di terra não se moła.” (O.C., 72 anos)

“Moço que pesca na área menos superficial do mar”.

Forma não dicionarizada. *Calão de fora* é uma expressão referente à coisa, sendo usada, também, por metonímia, para designar seres humanos. Esta lexia complexa *calão de fora* indica o tipo de rede utilizado e o local onde o moço pesca, com referência à profundidade do mar.



**CALÃO DE DENTRO/ CALÃO DE TERRA** sintagma nominal

Transc. Graf. **Calãw di dentu/ Calãw di terra** “[...] *calãw é a redi que pesca quatro pessoa, mosu, é a redi di arrastu, é camarueru, chamada camarueru, são duas pessoa, mosu pescanu fora, no **calãw di fora** e uma pessoa pescano no **calãw di terra**, di dentu e fica um mosu na canoa catano o camarãw, separano o camarãw di pexi, do siri, e da bagacera que é o limo, água-ma, esses negosu” (M.O., 22 anos); “Os que vão por terra é **calãw di terra**, é redi di camarãw; os que vão por lá, vão mais pelo fundo, chama **calãw di fora** porque tá lá na parte di fora, e o que tá mais cá em terra é **calãw di terra**. Os de lá vai, vai cum água na cintura, nas caxa dos peitus, e os daqui vai pelo razu, é **calãw di terra**. O **calãw di terra** não se moła.” (O.C., 72 anos)
‘Moço pescador de rede de camarão cuja função é associada à posição em que se encontra no mar e no tipo de rede em que se pesca’.*

Forma não dicionarizada. As variantes lexicais *calão de dentro* ou *calão de terra* apresentam a mesma significação: ‘moço que não pesca nas profundezas do mar’.

LARGADOR s.m.

Transc. Graf. **Largadô** “[...] *o que larga a redi, aqueles bolo no meio da redi, os bolo que marra na redi, chama di **largadô**, largadô levanta a redi para jogá pra o má.*” (J.A., 49 anos)
‘Moço trabalhador de pesca que desempenha a tarefa de lançar a rede ao mar’.

Lexia não dicionarizada.

Se forem aproximadas todas as denominações do conceito PESCADOR: *mestre de rede*, *proeiro*, *moço raso*, *moço profissional*, *moço de rede*, *canoeiro*, *pé de banco*, *popeiro*, *contra-popeiro*, *abaixador*, *calão de fora*, *calão de dentro*, *chumbeiro*, *largador*, *camaroeiro*, *tainheiro*, *grosereiro*, *munzuazeiro*, nota-se que tais unidades linguísticas têm em comum os traços <pescador>, <homem>, <trabalhador de pesca>, <tripulante>, <não é mestre>, <serviçal>, <aprendiz>, <profissional>. Os semas que diferenciam cada uma dessas lexias referem-se à <-dono de rede> <-mestre>, <+trabalhador>.

Moço é a denominação correspondente à noção de ‘pescador’. Apenas a lexia *chumbeiro* apresenta sentido de base derivado de uma lexia de origem latina, as demais não se encontram dicionarizadas. Outras, como a lexia *moço*, embora dicionarizadas, não correspondem às definições registradas. Do mesmo modo, é possível perceber que as relações que ocorrem são de ordem também de associações por um elemento comum a todos os termos, pela duplicidade de sentido e de forma, pelos elementos de derivação e composição, e pela função que desempenham na pesca. O que une as denominações desse campo é, geralmente, a hierarquia ou as funções específicas que se verificam durante o processo da pescaria. A sua motivação se dá através de séries associativas, a exemplo de *larga-dor*, *abaixa-dor*, e de categorias, a exemplo de *moço popeiro*, *moço profissional*, entre outras.

Das denominações acima consideradas, nove não se encontram dicionarizadas, são elas: *calão de fora*, *calão de dentro ou de terra*, *contra-popeiro*, *popeiro*, *largador*, *moço raso*, *pé de banco*, *moço de rede* e *moço profissional*. As dicionarizadas são: *abaixador*, *moço* e *chumbeiro*.

A análise onomasiológica de PESCADOR demonstra que as relações que nela estão presentes ocorrem, a exemplo de: *calafateiro*, *camaroeiro*, *canoeiro*, por um elemento comum a alguns termos, no caso, o sufixo *-eiro*. Detectou-se apenas o sentido de base da origem de dois termos: *mestre*, oriundo do latim, e *calafateiro*, do árabe. Das demais denominações, encontram-se dicionarizadas cinco: *calafateiro*,

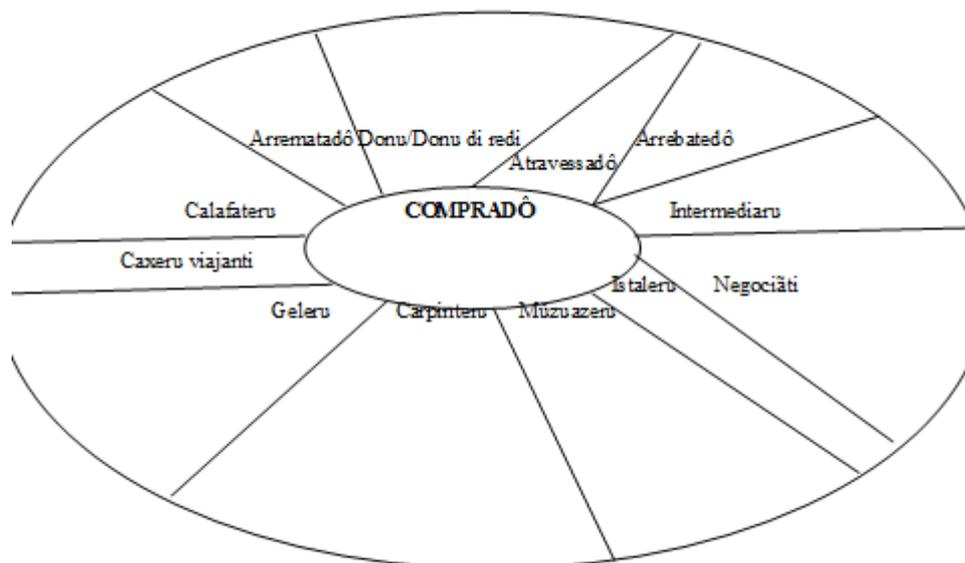


camaroeiro, canoeiro, mestre e moço. As não dicionarizadas são: corticeiro, dono de rede, grosereiro, proeiro e tainheiro.

5.2 Microestrutura onomasiológica de PROFISSÃO



Figura 2: Pescadores e apetrechos (MOREIRA, 2010).



A microestrutura onomasiológica de profissão constitui-se de lexias simples, compostas e complexas, compreendendo doze denominações: arrematador, arrebatador, atravessador, calafateiro, caixeiro viajante, carpinteiro, comprador, dono de rede, estaleiro, geleiro, intermediário, negociante. O sentido de base da maioria das denominações é oriundo do latim, assim como a categoria básica é o substantivo.

DONO DE REDE sintagma nominal

Transc. Graf. **Dono di redi** “*Quem pode tem a redi, é o donu di redi, e tamém pode sé o mestri[...]*No caso Barãw tem duas redi é o donu, mas uma Naldo mestra e a, o filho de Naldo mestra otra. Qué dizé, são dois mestri pra duas redi. Baum é mestri da redi de Betão, Betão que é o donu. Romi é donu e é o mestri. Naldão é





donu di redi é o mestri, den' do mesmo tempo. Qualqué pessoa não pode sé mestri, não. Tem que cūecé porque não é todo mundo que sabe." (J.A., 49 anos)

'Pessoa que tem poder de compra, e como dono de rede passa a gerenciar a equipe. Geralmente é um comerciante da própria localidade'.

De acordo com Diegues (1983), entre os donos de rede e os pescadores existe uma oposição não-antagônica, na medida em que ainda dominam alguns segredos da profissão e são aparentados ou vizinhos. O diferencial de renda entre ambos é visível. Daí situarem-se os pescadores entre os grupos mais pobres, com altos índices de analfabetismo, péssimas condições de moradia. Na comunidade de Baiacu, é raro encontrar um pescador que seja dono de seu material de trabalho. Apenas quatro pescadores, aproximadamente, são donos de rede, possuem rede. Os demais ficam à mercê do comerciante que, geralmente, além de ser *dono de rede* é também de canoas e alguns outros apetrechos. Existe um vínculo de parentesco ou de amizade ou apadrinhamento entre o *dono de rede* e o pescador.

Em Baiacu, a possibilidade de ser 'mestre', ao mesmo tempo em que se é *dono de rede*, só acontece para aquele que já vive do ramo da pesca, mas não para o comerciante. Um exemplo disso é o do jovem pescador, o INF.20, E.L.A., 29 anos, que, além de "mestrar" a rede de um dos comerciantes, comprou a sua própria rede, recentemente. Os pescadores fazem questão de falar sobre ele com alegria e satisfação.

A lexia complexa *dono de rede* é uma forma não dicionarizada. Encontra-se registro nos dicionários apenas para os termos *dono* e *rede*.

REDEIRO s.m.

Transc. Graf. **Rederu** "Os pexi tem as pessoa que compra qué dizé que, antigamente, ahenti chamava **rederu**, *arrebatedô*, *atravessadô*. Oje, não tem, oje as pessoa mermo vai pra bera da canoa e compra aquele pescado, o intermediaru, negociāti, mulé, omi." (C.P. N. , 66 anos)

'Pescador que desempenhava a função de comprar e vender os pescados e os mariscos'.

Lexia não dicionarizada.

ARREBATADOR s.m.

Transc. Graf. **Arrebatedô** "Os pexi tem as pessoa que compra, qué dizé que, antigamente, ahenti chamava *rederu*, **arrebatedô**, *atravessadô*. Oje, não tem, oje as pessoa mermo vai pra bera da canoa e compra aquele pescado, o intermediaru, negociāti, mulé, omi." (C.P. N. , 66 anos)

'Pescador que compra e revende o pescado'.

A unidade lexical *arreatador* provém do étimo < *ar-ribāt*, de origem árabe, conforme Cunha (1999). Lexia em desuso na comunidade em apreço, e substituída por *comprador*, *comerciante* e *negociante*.

ARREMATADOR s.m.

Transc. Graf. **Arrematadô** "[...] tem que agradecê a Deus por té dado uma pescaria meló pra henti e que é pescadô que pesca cuida da mercadoria pra não ficá ruim. Levá pra casa, logo. No meu caso, eu pesco mesmo pra mim, não saio vendeno assim não. É camarãw, e você tem que té mūỹto cuidado, chegá em casa, lava ele,



bota uma água gelada pra conservá. Eu vendo aqui na porta mermo. Tem henti, os **arrematadoris** que compra na nossa mão e vai levá pra Salvadô pra revendê.” (J.A., 49 anos)
‘Pessoa que compra e revende o pescado’.

Arrematador é um termo não dicionarizado. Lexia em desuso, na comunidade, sendo substituída por *negociante*, *comerciante* e *comprador*.

CAIXEIRO VIAJANTE sintagma nominal
Transc. Graf. **Caxeru viajanti** “[...] quem comprava o pexi e levava pra cidade ((Salvador)), pra Nazaré, pra Marogogijpõ, de primero, era **caxeru viajanti**, era o **caxeru viajanti**.” (J.S.P, 86 anos)
‘Pessoa que comprava e revendia o pescado em Salvador e em outras localidades da Ilha’.

De acordo com Houaiss (2004, p. 123) *caixeiro viajante* recebe a acepção de “vendedor que exerce sua atividade viajando”.

Na comunidade, o conceito relacionado ao termo *caixeiro viajante* deriva da idéia de pessoa que viaja para revender peixes e mariscos.

As relações da microestrutura onomasiológica de *Profissão* revelam-se, a partir de associações verificadas nos elementos formados por composição, derivação, associadas por um elemento comum a alguns termos, prefixos e sufixos, a exemplo das séries associativas *pescador*, *arreatador*, *comprador*, *comprador*, *abaixador*. O sentido de base de algumas lexias, como por exemplo: *atravessador*, *carpinteiro*, *comprador*, *negociante* é oriundo do latim; enquanto que *arreatador* e *calafateiro* advêm do árabe; e *caixeiro*, do catalão. As lexias que não se encontram dicionarizadas são: *arreatador* e *geleiro*. A categoria de base é o substantivo.

Das denominações, 09 (nove) se encontram dicionarizadas: *arreatador*, *atravessador*, *caixeiro viajante*, *calafateiro*, *carpinteiro*, *comprador*, *estaleiro*, *intermediário*, *negociante*. As consideradas em desuso são: *arreatador*, *atravessador*, *caixeiro viajante*, *geleiro*. A maioria é motivada por série associativa de compostos análogos, por exemplo, as lexias *ar-rebate-dor*, *ar-remata-dor*, *a-travessa-dor*, em que há intersecção de duas séries as de *arrebate*, *arremate*, *atravesse* e a de *rebatedor*, *rematador* e *atravessador*.

A título de ilustração, apresentam-se o quadro e seu respectivo gráfico em que se resume a análise da pesquisa:

Formas dicionarizadas e não dicionarizadas	PESCADORES	APETRECHOS	Número de dados/Total	%
DICIONARIZADAS	18 (14,51%)	64 (51,61%)	82/ 124	66,12%
NÃO DICIONARIZADAS	18 (14,51%)	33 (26, 61%)	51/ 124	41,12%
TOTAL			124	

Tabela 1: Distribuição das denominações quanto às formas dicionarizadas e não dicionarizadas (MOREIRA, 2010)



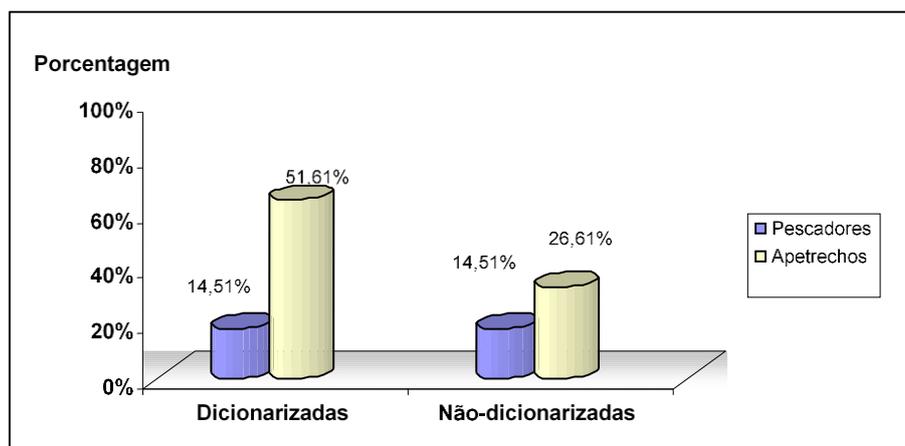


Gráfico 1: Distribuição das denominações quanto às formas dicionarizadas e não-dicionarizadas (MOREIRA, 2010)

De acordo com o que apresenta o gráfico 1, o número maior de denominações que se encontram dicionarizadas faz parte do campo onomasiológico de **APETRECHOS**, 51,61%, assim como o das não dicionarizadas, 26,61%. O total geral das dicionarizadas equivale à 66,12%, e das não dicionarizadas, 41,12%.

6 Considerações Finais

O importante em uma pesquisa é saber que está sempre incompleta, e que os dados apresentados podem ser averiguados, criticados e reformulados. Nesse sentido, é possível observar, com base no estudo sobre as *microestruturas onomasiológicas de Pescador e de Apetrechos de pesca*, que os dicionários gerais e etimológicos apresentam apenas definições, sem uma estrutura ideológica. A maioria das lexias expressa relação com o significado primitivo, apesar de haver modificações. Há presença de formas já consagradas no uso geral da língua, assim como relação de semelhança e de dessemelhança entre os signos, a exemplo de *mestre*, *calão de fora*, *calão de terra*, *moço*, *pé de banco*, e outras. Algumas formas não se encontram registradas ou, mesmo, quando registradas nos dicionários exigem interpretações, a partir do grupo de pesca, a exemplo de *calão de dentro*, *calão de fora*, *pé de banco*, *moço raso*, *moço profissional*, entre outras. Embora o vocabulário dos pescadores seja restrito, de acordo com a simplicidade de vida e a necessidade de expressão dos que falam, não significa dizer que sejam elementos menos conceituais, pois as significações são abstratas e concretas.

Os resultados deste estudo indicam, ainda, ser possível verificar a origem de algumas denominações com base na investigação de textos antigos. Por exemplo, *moço* tem sua origem no século XIII, aproximadamente; *abaixador*, no século XIV; *chumbeiro*, no século XVI. Há um número expressivo de unidades dicionarizadas, porém, nem sempre o significado corresponde ao da língua de especialidade em uso, na comunidade de Baiacu. Em relação ao sentido de base, o campo onomasiológico de PESCADOR demonstra que, a maioria das denominações encontradas dicionarizadas têm a sua origem no latim.

Algumas das denominações são formadas com base no que já pertence na língua, os pescadores fazem associação a objetos conhecidos. Fato que retoma ao que foi ressaltado por Coseriu (1980), quanto às linguagens técnicas profissionais, onde os significados coincidem com as denominações e



pertencem à tradição. Referem-se ao conhecimento das coisas e isso não vale apenas para as linguagens das ciências e das técnicas constituídas, mas também para o léxico da ciência e técnica populares, porque extrapolam o saber linguístico como tal e implicam um saber relativo às próprias coisas. Essas lexias não são suficientemente familiares a todos os falantes de uma comunidade linguística, mas tão somente a certos grupos e, por outro lado, é perfeitamente possível conhecer bem uma língua e desconhecer as denominações de flores ou de peixes. Depreende-se, desse modo, que as denominações de pesca encontram-se relacionadas às necessidades, ao exercício da profissão. A língua, como um sistema adaptável ao homem social que se reúne em grupos e esses grupos utilizam a língua em diferentes categorias a partir da organização e divisão de trabalho.

Santos (2004), ao citar D'Onofrio, afirma que é no nível da ação laborativa que se dá a correspondência mais significativa entre o sistema da língua e o sistema da cultura material, em razão de que as ações se atualizam graças a um conjunto de convenções que uma dada época histórica julgou necessário observar, graças a uma valoração coletiva que lhe atribuiu um sentido. Segundo Coseriu (1979, p. 117-8), na língua não há campos autônomos e não comunicantes, mas uma íntima solidariedade entre o que é fônico, o que é gramatical e o que é lexical. Na perspectiva diacrônica, significa dizer que uma mudança em qualquer um dos aspectos repercute em todo o sistema. Há interdependência dos elementos num sistema lingüístico.

Observa-se que a língua do grupo social da pesca apresenta características distintas, ligadas à cultura, aos modos de vida, à atividade econômica e técnica do grupo. Pode-se perceber que há “estratificações sociais” relacionadas com a língua.

O que se oferece a partir deste artigo é apenas uma pequena amostra da vasta rede do fenômeno lingüístico e experiencial que o vocabulário de pesca oferece aos estudiosos da língua. É um trabalho inconcluso, mas que sugere novas perspectivas de investigação.

Referências

ALVES, Iêda Maria. (Org.). A constituição da normalização terminológica no Brasil. **Cadernos de Terminologia**, São Paulo, n. 1, FFLCH/CITRAT, 1996.

ARAGÃO PEREIRA, Adevaldo de. **O vocabulário do poema “Sangue-mau” de Arthur de Salles segundo o sistema racional de conceitos de Hallig e Wartburg**. 2001. 254 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos), Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística. Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.

BABINI, Maurizio. Do conceito à palavra: os dicionários onomasiológicos. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 58, n. 2, abr./jun. 2006. Disponível em <<http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v58n2/a15v58n2.pdf>> Acesso em: 26 mar. 2008.

BALDINGER, Kurt. L'objet de la linguistique: essai d'un modele de linguistique general. **Travaux de Linguistique et de Littérature**. Strasbourg, v. 15, n. 1, p. 379-83, 1977.



_____. **Dictionnaire onomasiologique de l'ancien occitan:** DAO. Tübingen: MAX Niemeyer Verlag, fasc. 1, 1977.

_____. **Dictionnaire onomasiologique de l'ancien gascon:** DAG. Tübingen: MAX Niemeyer Verlag, fasc. 1, 1975.

_____. **Teoría semántica:** hacia una semántica moderna. Trad. Emilio Lledó; L. Molina; José Mondéjar; José Luis Rivarola. Madrid: Alcalá, 1970.

BARBOSA LEMOS, Antônio. **Pequeno vocabulário tupi-português.** Rio de Janeiro: São José, 1951.

COROMINAS, Joan. **Diccionario crítico etimológico de la lengua castellana.** Madrid: Gredos, 1954-1981. 4 v.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa.** 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FAULSTICH, E. **A função social da terminologia.** São Paulo: Humanitas. FFLCH, USP, 1984. p. 9-12.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa.** 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

_____. **Dicionário de língua portuguesa: século XXI.** 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, Carlota, MOTA, Jacyra, FREITAS, Judith et.al. **Atlas lingüístico de Sergipe.** Salvador. UFBA/Instituto de Letras/Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

FREITAS, Affonso Antônio. **Vocabulário nheengatu:** (vernaculizado pelo português falado em São Paulo): língua tupi-guarani: 2. ed. São Paulo: Nacional, 1976.

KRIEGER, Maria da Graça. Terminologia revisitada. **DELTA**, São Paulo, v. 16, n. 2, 2007.

MECZ-TAMBA, Irene. **A semântica.** Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2006.

MOREIRA, Cristiane Fernandes. *Corpus* constituído pelo léxico dos pescadores artesanais da comunidade de Baiacu-Ilha de Itaparica-Vera Cruz-Bahia. 2010.

OLIVEIRA, Ana Maria P. de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). **As ciências do léxico:** lexicologia, lexicografia, terminologia. 2. ed. Campo Grande: UFMS. 2001.

OLIVEIRA, Isabelle. Métaphore et Terminologie. In: _____. **Nature et fonctions de la métaphore en science:** l'exemple de la cardiologie. Paris: L' Harmattan, 2009, p. 27-56.



OSÓRIO, Ubaldo. **A ilha de Itaparica: história e tradição**. 7. ed. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1979.

SANTOS, Denise Gomes Dias. **O léxico da casa de farinha**. 1996. 148 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1996.

_____. **Segredos da arte: os carpinteiros navais do Baixo Sul da Bahia sob um olhar etnolinguístico**. 2004. 182 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004, p. 46-95.

SIBLOT, Paul. Problématique de la nomination: du répertoire des sens a l'analyse de leur production. **Neologica**, Paris, n. 1, p. 33-48, LLI/Université Paris XIII- CNRS, 2007.

SILVA, Augusto Soares da. **A semântica do deixar: uma contribuição para a abordagem cognitiva em Semântica lexical**. Portugal: Calouste Gulbenkian, 1999.

SILVA, Augusto Soares da. **Semântica histórica e cognição**. Portugal: Calouste Gulbenkian, 2005.

STERKENBURG, Piet van (ed.). Onomasiological specifications and a concise history of onomasiological dictionaries. In: _____. **A practical guide to lexicography**. Amsterdam: John Benjamins, 2003. p. 127-143.

